

A ideia da morte na colectânea *Os Sonetos Completos* de A. de Quesada

Teresa Oliveira
Universidade de Lisboa

O texto que se segue fala do arquétipo da morte na colectânea *Os Sonetos Completos*, do poeta português Antero de Quesada (1842-1891). A Análise do referido arquétipo, feita através do chamado método lexicométrico, mostra que a morte constitui o tema central de obra poética de Antero.

Introdução

"Durante muito tempo a ideia da morte passou despercebida para o meu espírito. Lembra-me que quando era rapaz (...) evitava pensar na morte, porque, dizia eu, como era coisa que nunca tinha experimentado não podia ter ideia alguma dela (...)

A ideia da Morte é a base da vida moral. Os seres que a não têm (...) não são morais - (...). Se o homem fosse imortal estaria exactamente no mesmo caso, por muito que a sua razão progredisse. Porquê? Porque, sendo imortal, adorava-se, considerava-se absoluto. Mas a consciência da sua finitude é que lhe faz sentir que o eu pessoal sendo nada, não é para esse que deve viver, mas para algo eterno. Daqui a capacidade e o desejo de sacrificar a satisfação do que é passageiro ao que não é. Se o homem fosse imoral (sic) isto era impossível. O cristianismo - Louvores da Morte. Explicação dos Sonetos, como não são um paradoxo. (...) Saibamos compreender a Morte, que é a única maneira de sabermos compreender a Vida e de sabermos viver.

(...) Mas a Morte tem uma razão metafísica, por conseguinte é necessária. Os seres são necessariamente relativos, limitados e imperfeitos, por isso que são seres reais, visto que a realidade exclui o absoluto e a perfeição: absoluto e perfeição que não se podem conceber senão como tipo ideal e não como actualidade e realidade. (...) A Morte não é mais do que a manifestação física desta necessidade metafísica."¹

¹ Antero de Quesada, *Filosofia*, p. 79.

O finito e relativo, que evolui em sucessivas escaladas até atingir o absoluto, foi alvo da reflexão de Antero de Quental. A consciência de que a vida humana é um fugaz instante do Todo demonstra-lhe que o destino do homem é a morte e, assim, a ideia desta "é a base da vida moral".

A constatação deste princípio permite que observemos na obra de Antero uma evolução acerca da ideia da morte e compreendamos a serenidade com que a observa: "Morrerei, depois de uma vida moralmente tão agitada e dolorosa, na placidez dos pensamentos tão irmãos das mais íntimas aspirações da alma humana e, como diziam os antigos, na paz do Senhor - assim o espero."

A morte será então, para Antero, como uma finalidade metafísica que lhe permitirá alcançar a liberdade, a serenidade perpétua, a plenitude do ser, o nirvana²:

*Dormirei no teu seio inaterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!*

A morte é pois uma temática que atravessa toda a obra deste poeta que se suicidou numa tarde de Setembro de 1891 e será alvo de análise no nosso trabalho, embora nos limitemos apenas a abordar os *Sonetos*.

A selecção deste tema para o nosso trabalho surgiu a partir da leitura dos *Sonetos* de Antero de Quental organizada e anotada por António Sérgio³. Este autor pretende defender uma teoria, assaz interessante, de heteronímia em Antero, revelando um poeta *nocturno* (o "lutuoso e túbido"⁴) e outro *luminoso* ("apostólico, ascencional e apolíneo"⁵). Em consequência, organiza tematicamente os sonetos em oito ciclos, integrando no quinto dez poemas respeitantes ao tema da morte (desta organização e daquela que foi orientada por Antero daremos conta no próximo ponto do trabalho).

Na nossa opinião, embora, como já dissemos, António Sérgio defenda uma leitura extremamente interessante dos sonetos, a sua organização não permite que tenhamos uma percepção clara da evolução do pensamento de Antero por isso, o nosso trabalho pretenderá demonstrar que a arrumação dos sonetos que versam a morte terá que ser outra e que ao conjunto encontrado por António Sérgio outros poemas terão que ser anexados.

² Numa carta a Carlos de Lemos, também poeta, sobre o *Nirvana*, escreve Antero o seguinte: "O Nirvana não é passivo, não é inerte e puramente contemplativo: é, pelo contrário, essencialmente activo; somente essa actividade já não é apaixonada, porque cessou de ser egoísta. É, por assim dizer, impessoal. Se os meus sonetos valem alguma coisa, valem sobretudo por dizerem isto, ou, pelo menos, por deixarem entrever isto" Antero de Quental, *Cartas*, p. 868).

³ Antero de Quental, *Sonetos*: edição prefaciada por António Sérgio.

⁴ *Idem*, p. XVIII.

⁵ *Ibidem*.

1. Sobre *Os Sonetos Completos*

Em 1861, Antero publica os seus primeiros sonetos (edição *Stenio*), mas só em 1886 surgirá a primeira edição completa dividida por ciclos⁶ e fases, "de modo a formarem uma espécie de autobiografia poética, ou de Memórias morais e psicológicas".⁷ Na sua organização colabora Oliveira Martins, o amigo e admirador, que assina também o prefácio onde corrobora a anterior citação de Antero acrescentando que esta colecção "conta-nos as tempestades de um espírito; mas essas tempestades não são os quaisquer episódios particulares de uma vida de homem: são a refacção das agonias morais do nosso tempo, vividas, porém, na imaginação de um poeta"⁸

Há, então, uma preocupação nítida, quer de Antero quer de Oliveira Martins, na organização dos sonetos, considerando não essencialmente critérios cronológicos mas sim a evolução espiritual verificada através dos vários ciclos que o autor vai percorrendo, daí que surjam certos poemas, como teremos oportunidade de verificar, deslocados do ciclo cronológico em que foram compostos.

António Sérgio, na edição que organiza em 1943⁹ opta por alterar toda a organização proposta por Antero, pelos motivos que enunciámos na *Introdução*, e sugerir uma outra composta não por cinco mas por oito ciclos:

- primeiro ciclo** – Da expressão Lírica do Amor Paixão;
- segundo ciclo** – Do Apostolado Social;
- terceiro ciclo** – Do Sentimento Pessimista;
- quarto ciclo** – Do Desejo de Evasão;
- quinto ciclo** – Da Morte;
- sexto ciclo** – Do Pensamento de Deus;
- sétimo ciclo** – Da Metafísica;
- oitavo ciclo** – Da "Voz Interior" e do "Amor Puro Sempiterno".

Como referimos na *Introdução*, é a partir dos sonetos que António Sérgio englobou no quinto ciclo da sua organização ("Da Morte") que se inicia a nossa análise.

Antes de mais, iremos fazer o levantamento desse conjunto de sonetos e correspondê-los com os períodos em que surgem arrumados n' *Os Sonetos Completos*:

⁶ São cinco, compreendidos entre 1880 e 1884: 1^o- 1860-1862; 2^o- 1862-1866; 3^o- 1864-1874; 4^o- 1874-1880; 5^o- 1880-1884 (em 1865 escreve os seus últimos dois sonetos, "Com os mortos" e "O que diz a morte". Sobre o cessar da escrita de poemas comenta o seguinte, numa carta a António de Azevedo de Castelo Branco, datada de 6 de Junho de 1885: "(...) a propósito de versos, dir-te-ei que já não os faço. Secou-se-me a fonte viva; e, como depois de ter sido poeta não quero continuar sendo versificador, parei."). Cf *Cartas*, p. 742.

⁷ Idem, p. 730.

⁸ Vd. «Prefácio», in Antero de Quental, *Sonetos Completos*, p. 28.

⁹ Op. cit.

- 1º) "Em Viagem" - 4º período, 1874-1880;
- 2º) "Mors Liberatrix" - 4º período, 1874-1880 (escrito em 1-10-1879);
- 3º) "O que diz a Morte" - 5º período, 1880-1884 (datado de Março de 1885);
- 4º) "Elogio da Morte" (VI sonetos) - 5º período, 1880-1884 (escritos entre 1872 e 1874 e publicados no primeiro número da *Revista Ocidental*; cada soneto era então intitulado:
Inania Regna; II- *Nirvana*; III- *Beatrice*; IV- *Ab Aeterno*; V- *Eutanásia*;
VI- *Budismo*
- 5º) "Mors-Amor" - 4º período, 1874-1880 (escrito em Bellevue, em Julho de 1872).

Como se pode observar, a maioria destes sonetos encontra-se dentro do quarto período estabelecido por Antero, mas este tinha-lhes dado uma ordenação também diferente: "Mors Liberatrix", "Mors-Amor" e "Em Viagem".

Serão legítimas todas estas alterações àquela que terá sido a vontade de Antero?

2. Análise dos *Sonetos*

Iniciamos neste parte a análise dos sonetos antes referidos. Não só pelo desejo de respeitar a vontade do poeta, como também por assim caminhar-mos no sentido do objectivo do nosso trabalho perspectivando melhor a evolução do seu pensamento sobre o tema da morte, optámos pela ordenação dada aos textos pelo poeta.

2.1. *A morte n' Os Sonetos Completos de Antero de Quental sob uma perspectiva lexicométrica.*

Chegados a esta etapa do trabalho debatemo-nos com a questão de querer saber se serão apenas os dez sonetos seleccionados por António Sérgio que exploram a temática da morte. Querendo obter uma resposta objectiva e imparcial, que não seja filtrada por uma leitura pessoal, optámos por submeter os sonetos de Antero a um tratamento lexicométrico, o qual, através do tratamento estatístico de todo o *corpus* recolhido, permitirá objectivar o nosso propósito.

O estudo lexicométrico que apresentamos foi elaborado através de várias etapas de que daremos conta seguidamente. Foi também baseado no decurso das aprendizagens sobre os métodos da Lexicometria Textual desenvolvidos pelo "Laboratoire de Lexicometrie et Textes Politiques" da escola francesa de Saint - Cloud.

A primeira tarefa que nos ocupou foi a constituição do *corpus*, isto é, o total das formas - constituições gráficas por que as palavras são consideradas em Lexicometria - recolhidas nos *Sonetos*. Para a constituição do *corpus* inserimos em computador os cento e nove poemas organizados por Antero de Quental e Oliveira Martins. Depois disso, já numa outra fase, elaborámos duas listagens, a do número de ocorrências e a do número de formas, que nos fornecem hierarquicamente dados segundo a ordem

decrecente de frequência. Sabemos assim que o *corpus* é constituído por um total de 10287 ocorrências e de 2791 formas, cuja frequência máxima (da forma *e*) corresponde a 494; das 2791 formas encontram-se, no *corpus* de Antero, 1772 formas hapax, isto é, aquelas que só ocorrem uma vez. Destes dados podemos concluir que encontramos cerca de 63,5% formas hapax e 36,5% de outras formas que se repetem, o que nos leva a afirmar que o vocabulário de Antero é consideravelmente rico.

A análise dos dados que o método lexicométrico nos fornece suscita, em relação ao vocabulário de Antero, um estudo extremamente interessante, que nos propomos fazer num futuro trabalho, mas neste apenas nos cingimos, naturalmente, ao estudo da forma *morte* nos sonetos, daí que pesquiseemos informações muito concretas nas listagens que elaborámos.

O número da frequência absoluta da forma *morte* é de 17 e se fizermos uma listagem dos contextos em que esta forma surge, verificamos que aparece não apenas nos dez já seleccionados por António Sérgio mas em outros cinco sonetos: "Enquanto outros combatem", "Despondency", "Anima Mea", "Espiritualismo" e "Lacrimae Rerum".

Recordando aquilo que escrevemos atrás, lembramos que a organização original dos *Sonetos* previa que estes formassem uma espécie de autobiografia de um pensamento. Assim sendo, podemos também dividir o *corpus* em cinco partes, correspondentes aos cinco ciclos da colecção e poemas e verificar em cada uma delas as ocorrências da forma *morte*. Os resultados encontrados estão sintetizados no quadro seguinte:

Quadro 1

Partes	Frequência por partição	Frequência por poema	Título do poema	Data composição poema	
I 1860-1862	-	-	-	-	
I 1862-1866	3	1	Enquanto outros combatem	1864	
		2	Despondency	1864	
III 1864-1874	-	-	-	-	
I 1874-1880	7	1	Mors-Amor	1877	
		1	Mors Liberatrix	1879	
		1	Anima Mea	1879	
		2	Espiritualismo I	1879	
		2	Em Viagem	1880?	
V 1880-1884	7	1	Elogio da morte	I	1872-1874
		1		II	
		1		IV	
		1		V	
		1		VI	
		1	Lacrimae Rerum	1882	
1	O que diz a morte	1885			

Observações:

- 1873 – morte do pai de Antero
- 1874 – início da doença de Antero
- 1875 – apogeu da crise interior
- 1876 – morte da mãe de Antero
- 1877 – consulta o Dr. Charcot em Paris; morte de Germano Meireles

A observação do Quadro 1 permite-nos facilmente entender que é no período correspondente às duas últimas fases estabelecidas por Antero que a forma *morte* ocorre com maior frequência, 7 em cada uma, o que demonstrará que a ideia da morte deixa de lhe passar despercebida, como refere no "Ensaio sobre as Bases Filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade"¹⁰. O quadro, através da última coluna também nos deixa perceber que embora "Elogio da Morte" se encontre inscrito no último período, a data da composição deste conjunto de sonetos, 1872-1874, com primeira edição em Fevereiro de 1875, insere-se essencialmente no período anterior, 1874-1880, aquele cujo primeiro ano coincide com o início da doença de Antero, um ano após a morte de seu pai e dois e três anos, respectivamente, antes da morte de sua mãe e do seu grande amigo Germano Meireles. Assim sendo, permitimo-nos reorganizar os sonetos, seguindo um critério de ordem temporal relacionado com a produção de textos sobre a morte, surgindo-nos aquilo que apresentamos no Quadro 2, onde verificamos que surge uma frequência de 12 da forma objecto de análise, correspondendo a 70% da sua frequência absoluta, o que demonstra claramente a importância dada pelo poeta a este tema em determinada fase da sua vida.

Quadro 2

Partes	Frequência por partição	Frequência por poema	Título poema	Data Composição
I 1860-1866	–	–	–	–
II 1862-1866	3	1	Enquanto outros combatem	1864
		2	Despondency	1864
III 1864-1874	–	–	–	–

¹⁰ Vd citação inicial.

Partes	Frequência por partição	Frequência por poema	Título poema	Data Composição
IV 1874-1880	12	1	I	1872-1874
		1	II	
		1	Elogio IV	
		1	da V	
		1	morte VI	
		1	Mors-Amor	
		1	Mors Liberatrix	1879
		1	Anima Mea	1879
		2	Espiritualismo	1879
		2	Em Viagem	1880?
V 1880-1884	2	1	Lacrimae Rerum	1882
		1	O que diz a morte	1885

No negro período da sucessão de mortes daqueles que lhe são queridos, atormentado pela doença de nervos que o enfraquece, Antero deixa-se influenciar pelas leituras sobre o pessimismo que o absorvem. Reflecte sobre a efemeridade da vida humana e sobre a transição para o "*Não-Ser, que és o Ser único e absoluto*"¹¹, sintetizando conceitos antitéticos da filosofia hegeliana, sobre *Ser* e *Não-Ser* em fusão com os de Schopenhauer¹². Evolui depois para uma fase em que materializa a morte - "Mors Liberatrix", "Mors-Amor" e "Anima Mea" - passando a perspectivas mais idealizadas e menos sentimentais nos restantes sonetos.

Há assim, em Antero, no período inscrito entre 1874 e 1880, fruto das circunstâncias que então viveu, uma maior produção de textos e reflexões sobre a morte, a qual olha "como abrigo seguro mas" vê-a "tão longe ainda!"¹³.

2.2. Uma questão de género

Se efectuarmos uma leitura seguida dos sonetos que versam a morte, antes mesmo de reflectirmos sobre aquilo que o poeta desejaria dizer, um pormenor nos desperta a atenção: a concordância/discordância entre a imagem da morte e o seu género gramatical. De facto, nos primeiros poemas que Antero escreveu onde refere a morte, "Enquanto outros combatem" e "Despondency", ambos de 1864, a morte surge gramaticalmente feminina. Antero então contava apenas vinte e dois anos, estava ainda

¹¹ "Elogio da Morte", VI.

¹² Vd Antero de Quental, *Sonetos*, pp. 155-158.

¹³ Antero de Quental, *Cartas*, p. 454.

em Coimbra e havia escrito há pouco que a morte para os jovens "é o espectro que nos gela de terror, é um choro partido e estridente (...); porque então morrer é partir, deixando a vida,(...) que nos sorri, em busca de um futuro de que só vemos trevas e incertezas"¹⁴.

Fruto da sua juventude, não reflecte ainda sobre a morte e não sente necessidade de a definir nem de a marcar gramaticalmente quanto ao género, por isso surge feminina unicamente por esta palavra em português pertencer ao género feminino. Permitimo-nos assim classificar a palavra morte, nesta primeira fase, como pertencente a um género feminino-neutro.

Contudo, anos mais tarde, entre 1872 e 1874, quando começa a padecer da doença que o afastará da primeira linha do movimento que gerou com as *Conferências Democráticas* ou do *Casino* (1871) e que o mergulha em leituras sobre o pessimismo (Schopenhauer, Hartmann, Hegel, Proudhon...), constatamos que a imagem da morte se vai desprendendo da sua classificação feminino-neutro para se revelar declaradamente feminina, na figura de uma mulher, Beatriz. Referimo-nos ao conjunto de seis sonetos intitulado "Elogio da Morte" onde o poeta demonstra já outra visão; a morte não aparece como o "espectro que nos gela de terror" mas como "*irmã coeterna da minha alma*", como "*filha da noite (...) libertadora e inviolável*" cuja "*face adusta*" lhe sorri. Sobre estes sonetos escreveria Antero:

«Quanto aos sonetos que publiquei na *Revista*, devo dizer-te que os escrevi sem maior tristeza ou desalento, antes com paz íntima e profunda confiança. Se a doença foi ocasião de reflectir com mais madureza no símbolo misterioso que é a Morte, é isso muito natural, porque em tal estado a Morte apresenta-se ao nosso pensamento com mais insistência ou mais autoridade: mas dessas reflexões concluí coisas que nada têm de tristes, antes são muito confortativas, uma espécie de Filosofia idealista da Morte, e foi isso o que eu quis exprimir naquela composição, mostrando como o pensamento eleva gradualmente desde uma impressão toda negativa até à mais alta idealidade, compreensiva e plácida. Fui pois teólogo e não romântico - pelo menos, tal foi a minha intenção."¹⁵

Os sonetos constituem uma espécie de autobiografia de um pensamento e, como referimos anteriormente, o período de 1873 a 1877 manifestou-se negro para o poeta (1873, morte do pai; 1874, surge a doença de nervos de que nunca se curará; 1875, vive o clímax do seu conflito interior; 1876, morte da mãe; 1877, consulta, em Paris, o Dr. Charcot, o melhor especialista em doenças de nervos, voltando desiludido pela inutilidade dos tratamentos; neste mesmo ano morre também o seu amigo Germano Meireles que lhe confia a tutoria das filhas, que serão para sempre uma preocupação para Antero, suicidando-se no dia a seguir a tê-las entregue, em Ponta Delgada). São de

¹⁴ "Na sentida morte do meu condiscípulo e amigo Martinho José Raposo" in Antero de Quental, *Prosas da Época de Coimbra*, p. 9.

¹⁵ Antero de Quental, *Cartas*, p. 277.

1877 e 1879, respectivamente, os sonetos "Mors-Amor" e "Mors Liberatrix", onde constatamos que a imagem da morte surge agora alegorizada sob configurações masculinas: "*negro corcel*" e "*sombrio cavaleiro*". Esta discordância entre a imagem e o seu género gramatical passou despercebida a Antero, pois só na resposta¹⁶ (datada de 20 de Dezembro de 1887) a uma carta do seu editor e tradutor alemão, Wilhelm Storck, que lhe chama a atenção sobre o assunto, nos dá conta de o ter então verificado:

"(...) Acho muito curiosa a sua observação sobre a falta de concordância entre a imagem poética e o género gramatical, a propósito da Morte, feminina, representada como cavalo, cavaleiro, etc. Confesso-lhe que nunca tinha dado por isso, tão despercebida passa à *nossa* imaginação esta discordância. Dá-se o mesmo (se me não iludo) em todas as outras línguas latinas e parece-me que tal discordância também não repugnava ao latim, pelo menos a julgar pelo latim de São Jerónimo, na sua tradução da Bíblia, onde imagens como aquela *incoerência* aparecem com frequência, sobretudo nos Profetas e no Apocalipse. Porque será isto? Seria uma indagação curiosa de fazer."

Os dois poemas anteriores foram dispostos por Antero e Oliveira Martins no quarto ciclo dos *Sonetos*, bem como "Anima Mea". Neste último a morte volta a surgir no género feminino: "*Estava a Morte ali (...) como serpente que dormisse na estrada*", é a "*fúnebre bacante*", a "*loba faminta*".

Nos restantes sonetos, a morte, que Antero tenta perspectivar por um prisma filosófico, surge novamente no género feminino-neutro. O filósofo foi-se libertando da emoção e deixa que a morte se neutralize novamente, quanto ao género, mas não pelas mesmas razões do início, apenas porque toda a reflexão que efectuou sobre este tema leva-o a encará-la como a "expressão de uma realidade metafísica"¹⁷

Podemos assim concluir que os sonetos anteriores sobre os quais nos debruçamos passam por várias fases na expressão da morte quanto ao seu género gramatical: primeiro feminina, depois, ainda que inconscientemente, masculina, para, finalmente, a representarem como feminina pois, como refere numa carta a Carolina Michaelis de Vasconcelos, Antero concebe "imaginativamente a Morte em figura de mulher"¹⁸

¹⁶ Idem, p. 857.

¹⁷ A. Beau, «Antero de Quental e a Ideia de Morte», p. 16.

¹⁸ Antero de Quental, *Cartas*, pp. 795-796: "(...) Quanto à observação que V. Ex^a faz a respeito de ser a Morte do género feminino nas línguas neolatinas, acho-a muito curiosa, mas confesso que nunca me tinha ocorrido. É um caso interessante da influência da linguagem sobre a imaginação, pois é certo que muito naturalmente, e independentemente da tradição das artes plásticas e da poesia, concebo imaginativamente a Morte em figura de mulher. O que quer dizer que, se falasse inglês ou alemão, a minha imaginação tomaria forçosamente outra direcção e muitas associações de ideias, que formo, não as poderia formar: assim a imaginação (e por conseguinte o pensamento) ainda onde parece ser tão espontânea, é escrava de acidentes linguísticos como aqueles que fizeram com que a palavra *mors*, há inúmeros anos, quando se formou o latim, fosse do género feminino! (...)".

2.3. As simbologias da morte. Algumas leituras

"C'est que la Mort a plusieurs significations. Libératrice des peines et des soucis, elle n'est pas un fin en soi; elle ouvre accès au règne de l'esprit, à la vie véritable: *mors ianua vitae* (la mort port de la Vie).¹⁹

Não propriamente sobre a simbologia da morte em Antero, mas reflectir sobre a imagética com que a representa nos sonetos parece-nos interessante.

Verificámos que a concebe como um "*sombrio cavaleiro*", um "*negro corcel*", como uma "*serpente*" e uma "*loba faminta*" depois de a ter representado como uma mulher.

A propósito das representações masculinas, vêm-nos à memória as tradições medievais e as novelas de cavalaria. Recordamo-nos de toda uma herança da *Demanda do Santo Graal*, do *Romanceiro* popular, dos relatos de combates entre cavaleiros que, para além de guerreiros, encarnam por vezes a luta entre o Bem - o cavaleiro de armas reluzentes, montado num cavalo branco, como Lancelot do Lago - e o Mal - o cavaleiro de armadura negra numa montada também negra e que assume, ocasionalmente, também o símbolo da morte.

Constatamos, deste modo, que o nosso universo cultural regista o combate entre cavaleiros como, também, uma peleja espiritual. O *Dicionário dos Símbolos* indica-nos que "le symbole du chevalier s'inscrit donc dans un complexe de combat et dans une intention de spiritualiser le combat"²⁰.

Não nos parece assim estranho que, numa época em que reflecte sobre a morte, na sequência da doença que o atormenta e com a qual desesperadamente luta, Antero a represente simbolicamente através da figura de um cavaleiro - "le chevalier n'est pas seulement l'image de ce qu'un homme peut devenir. Il est aussi celui que l'on désire, celui sur le coeur duquel, tendre et courageux, on souhaite se reposer".²¹ O combate que o cavaleiro representa será o conflito interior que Antero vive e que se traduz na sua ânsia pela libertação: "*E, sendo a Morte, sou a Liberdade*".²²

Ainda dentro do mesmo universo semântico, Antero representa a morte através da figura de um cavalo. Este animal, segundo uma crença ancestral, está associado ao mundo ctónico²³ e ora é portador da morte, ligado ao fogo, ora é portador da vida, ligado à água. O corcel negro de "Mors-Amor" clama: "*Eu sou a Morte!*". É "*fera estranha*" cavalgada "*sem temor*" pelo Amor, "*um cavaleiro de expressão potente*".

¹⁹ Chevalier, *Dictionnaire des Symboles*, p. 651.

²⁰ Idem, p. 233.

²¹ Ibidem.

²² "Mors Liberatrix". Sobre este soneto, escreveu Antero, numa carta (nº 280) a Joaquim de Araújo: "Aí vai um soneto, que fiz esta noite, para entreter horas de insónia. Como todos os filhos da noite é triste e fantástico".

²³ Chevalier, op. cit. p. 232, (vd).

O presente soneto, sobre o qual Antero comenta "não sei bem o que quer dizer, francamente, mas a execução agrada-me"²⁴, foi escrito, como atrás referimos, numa época em que o poeta se deixa influenciar pelas leituras sobre o pessimismo e pelas ideias de Proudhon acerca da morte. Este autor afirma "la mort (...) est la transmigration de la vie elle-même, qu'on appelle *génération*" acrescentando depois "la mort c'est l'amour. Celui qui aime veut mourir"²⁵.

Sobre a interpretação deste soneto, António Sérgio deduz que "amor e morte são os dois aspectos correlativos de um fenómeno único (o da transmissão da vida na permanência da espécie) e que por isso o amor vence o receio da morte, fazendo-nos receber bem a morte e até desejá-la, - aproximando-nos do pensamento hegeliano de que Amor e Morte são ambas manifestações de um anseio vão de realizar a perfeição do género através da existência do indivíduo, e sobretudo das ideias de Proudhon (...)"²⁶.

Quanto à representação da morte no soneto "Anima Mea", vemos que surge associada a duas imagens plenas de símbolos, a serpente e a "loba faminta" e a outra, pejorativamente conotada, "fúnebre bacante".

No nosso universo cultural de ideologia judaico - cristã, é quase inevitável não relacionar a serpente com a origem do mal no mundo²⁷. Segundo o *Génese*, a serpente é considerada "o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus fizera". Mas a serpente é também um símbolo da transmutação perpétua da morte em vida; é a "dialectique matérielle de la vie et de la mort qui sort de la vie et la vie qui sort de la mort"²⁸.

Em relação à segunda representação da morte em "Anima Mea", reparamos que não surge simplesmente referida como "loba", que poderia recordar-nos a loba de Rómulo e Remo, associada à nutrição, mas caracterizada pelo adjectivo "faminta". Será então a loba que devora a vida; "ce symbolisme de dévrateur est celui de *gueule*, image initiatique et archétypale, liée au phénomène de l'alternance jour-nuit, mort-vie; (...) la gueule du loup est un symbole de la nuit, la caverne, les enfers".²⁹

Terminemos com a única representação da morte nos sonetos de Antero que ainda não abordámos e que nos chega através de uma figura feminina, uma mulher, Beatriz: "(...) *única Beatriz consoladora*".³⁰

²⁴ Antero de Quental, *Cartas*, p. 378.

²⁵ Proudhon, *De la Justice dans la Révolution et dans l'Église*, cinquième étude, chap. V in Antero de Quental, *Sonetos*, pp. 163-164.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Cf. *Génese*, 3.

²⁸ Chevalier, op.cit., pp. 868-869.

²⁹ Idem, pp. 582-583.

³⁰ "Elogio da Morte", III.

O nome de Beatriz está, indubitavelmente, associado ao de Dante e, se assim o considerarmos, não o poderemos tomar como uma representação do mal e do pecado, "la Béatrice de Dante est un exemple de ce rôle de guide [vers une transcendance]"³¹

Atentemos também no que Antero escreveu a João Lobo de Moura sobre dois dos sonetos que integram "Elogio da Morte", os anteriormente intitulados "*Inania Regna*" e "*Eutanásia*":

"A morte, meu caro, é quanto a mim toda uma filosofia, e relendo ultimamente o famoso capítulo de Proudhon sobre o assunto, acudiram-me ideias bastantes para compor com elas uma "Filosofia da Morte" no gosto daqueles tratados de Séneca e Cícero, mas com mais profundidade. Enquanto porém o não faço (se chegar a fazê-lo) tenho ido depositando em sonetos alguns aspectos mais frisantes daquela grande realidade. Afí vão os dois mais apresentáveis, que lhe dedico, e são uma espécie de Tese e Antítese."³²

Desta última frase podemos tirar a ilação de que mais sonetos haveria escrito sobre o tema da morte. Serão esses os outros poemas que englobou em "Elogio da Morte"? Farão parte dos que destruiu pelo receio daquilo de nefasto que poderiam causar a quem os lesse ou serão outras das composições englobadas em *Os Sonetos Completos*?

2.4. A morte nos Sonetos³³

Vimos, ao longo dos pontos anteriores, a presença da morte nos *Sonetos* de Antero, começando por, através de uma abordagem lexicométrica, fazer um levantamento de todas as ocorrências da forma *morte*, para depois, por meio da listagem dos contextos em que aparece, podermos perspectivar a evolução do pensamento do poeta em relação a este tema pelo modo como o representa, quer através das mutações em relação à classificação quanto ao género, quer através das transfigurações que a morte vai assumindo até se espiritualizar.

Vários autores³⁴ têm afirmado que para além da sua reputação como tal, Antero não foi propriamente um filósofo, "mas um poeta com um filósofo dentro" e que "o superior da alma anterior está na poesia, nos *Sonetos*".³⁵ Estes têm sido apontados como o esplendor da sua obra, provavelmente porque Antero lhes deu especial atenção. Para o poeta "a forma completa do lirismo *puro* é o Soneto"³⁶, mas, provavelmente, os

³¹ Chevalier, op.cit., p. 431.

³² Antero de Quental, op.cit. p. 213.

³³ A partir dos contextos dados pelo levantamento lexicométrico.

³⁴ Cf. Carlos Ceia, *De Punho Cerrado*.

³⁵ Idem, pp. 116-117.

³⁶ "Prefácio" à edição dos sonetos de 1861, in Antero de Quental, *Sonetos Completos*, pp. 227-231, vd considerações sobre a *ode* e o *soneto*.

sonetos de Antero revelam quase sempre a sua face lírica e, apesar de todo o esforço do poeta para racionalizar o sentimento, os poemas acabam sempre por ser marcados pela emotividade do sujeito poético. Tais afirmações são possíveis através dos dados que a lexicometria nos oferece e que permitem que percebamos que apesar do poeta negar recetar a morte, porque a compreende racionalmente, o vocabulário que usa a seu propósito é, no seu essencial, pertencente ao universo do sensorial, mostrando no entanto o soneto antes intitulado "Budismo" ("Elogio da morte", VI), maiores características filosóficas, espelhando as leituras de Hegel e Schopenhauer.

Creemos poder agora, através de todos os dados que os textos nos fornecem em relação à morte, concluir quais são então aqueles que podemos adicionar à selecção de António Sérgio, conforme daremos conta na conclusão, e melhor perspectivar a visão que Antero tem da morte.

No vocabulário anterior usado para criar a imagem da morte, encontramos alguns adjectivos que para caracterizarem as suas atitudes ou expressões a animizam: *queda, silenciosa, olhar profundo e torvo, fronte muda, austera e calma, gesto demente....* Reparámos também que parte dos nomes comuns que identificam a morte se podem agrupar dentro de uma classe com o traço comum de uma carga [+ afectiva] ou [+ familiar] que assim se lhe transmite, reflectindo o pensamento de Antero: *irmã do Amor e da Verdade, coeterna da minha alma; impassível companheira; amiga verdadeira; filha do mesmo pai, da noite*. Acerca desta característica, também é pertinente referir que nos sonetos em que Antero alude a morte, essencialmente em "Elogio da morte", se pode observar uma forte presença do "eu", quer explicitamente através do uso da própria forma pronominal *eu*, quer através de desinências verbais, quer ainda pelo uso de outras formas pronominais.

É nos três sonetos em que a morte surge através de personificações e comparações ("Mors-Amor", "Mors Liberatrix" e "Anima Mea") que transporta uma carga sentimental [- afectiva] - embora o poeta se exclua, como, por exemplo, em "Elogio da Morte", daqueles que a temem - através do simbolismo que estas imagens acarretam.

Podemos ainda constatar que nos últimos sonetos que compôs sobre o tema que estudamos, principalmente em "Em Viagem" e "O que diz a morte", o poeta entende a morte de um outro modo, ela é *bem-vinda*, companheira dos males espirituais que desvanece, daí que consigamos melhor entender as características autobiográficas dos *Sonetos* e aquilo que Antero escreve numa carta a João Lobo de Moura: "só confio na morte, como a única solução satisfatória, radical, definitiva; e, para lhe dizer tudo, chego a desejá-la, como diz Shakespeare, *desejá-la devotamente*:"

«... it is a consumation
Devoutelely to be wished...»³⁷

³⁷ Antero de Quental, *Cartas*, op.cit., p. 417.

Conclusão

Albin Beau, na sua reflexão sobre "Antero de Quental e a ideia da morte" considera que "a Morte contemplada ou sentida como fenómeno natural, quer cantada como visão poética, quer encarada e pensada como problema filosófico e metafísico, constitui um tema integrante do seu pensar, sentir e poetar, atravessando a sua obra, desde as primeiras poesias até às últimas manifestações que lhe conhecemos".

Através das considerações que efectuámos anteriormente, podemos confirmar a afirmação de acima. De facto, já na sua juventude Antero compõe "Enquanto outros combatem" e "Despondency" e depois, durante aquele que chamámos "o período negro" da sua vida, a morte é, quase inevitavelmente, um tema constante. Vimos que, apesar de Antero procurar criar uma "Filosofia da Morte" - que não chegou a escrever -, e de sobre este tema reflectir, não consegue distanciar-se do universo do sensitivo e do imaginativo nos *Sonetos*, como o comprova o levantamento de vocabulário a que a lexicometria se presta.

Foi também através do levantamento de contextos da forma *morte*, possibilitado igualmente pela lexicometria, que fizemos a listagem dos vários sonetos em que essa forma ocorre.³⁸ O nosso objectivo foi demonstrar que outros sonetos podiam ser adicionados à selecção de António Sérgio. Este crítico indexou todos os sonetos que citámos atrás sob temáticas diversas, que, para além da morte, dão origem aos vários ciclos a que nos referimos no início do trabalho. Aquilo que consideramos é que, exceptuando "Espiritualismo", que ao abordar a *dúvida* está indiscutivelmente relacionado com um problema metafísico, todos os outros sonetos, cujos contextos foram fornecidos pelo tratamento lexicométrico, devem também fazer parte do conjunto de textos d' *Os Sonetos Completos* de Antero de Quental sobre o tema que estudámos, passando assim de dez, os sugeridos por António Sérgio, para um total de catorze sonetos que versam a morte, aquela que "marca sempre um ponto de transição para um além, certo ou incerto, temido ou ansiado",³⁹ aquela por que o poeta anseia:

*Nesta viagem pelo ermo espaço
Só busco o teu encontro e o teu abraço
Morte! Irmã do Amor e da Verdade.*

BIBLIOGRAFIA

- BEAU, Albin Eduard, «Antero de Quental e a Ideia de Morte», Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1935.
- CARVALHO, Dulce S. e M. Fátima Silva, *Lexicometria- Seminaire de Maurice Tournier*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993.

³⁸ Cf. Quadro 1.

³⁹ Beau, op.cit., p. 6.

- CARVALHO, D., M. de F. F. da Silva e M. E. Ricardo Marques, «Sentir uma Cidade» in Maria José Ferro Tavares (coord.), *A Cidade, Jornadas inter e pluridisciplinares*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993
- CEIA, Carlos, «A Especulação Filosófica de Hegel e o «Sistema» de Antero de Quental», *De Punho Cerrado*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.
- CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Robert Laffont / Jupiter, 1989.
- CIDADE, Hernâni, *Antero de Quental*, Lisboa, Editorial Presença, 1988.
- COELHO, J. do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. III, Porto, Figueirinhas, 1990.
- FLORES, Francisco Moita, «As Morte de Antero de Quental - "Autópsia" de um Suicídio» in *Revista de História das Ideias*, nº 13, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1991.
- FREIRE, M. Almeida, *Para uma Leitura da Poesia de Antero de Quental*, Teixeira de Pascoais, Afonso Duarte, Lisboa, Editorial Presença, 1996.
- MENDES, João, *Literatura Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Verbo, 1979.
- QUENTAL, Antero de, *Cartas*, I, II, organização, introdução e notas de Ana Maria A. Martins, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989.
- QUENTAL, Antero de, *Filosofia*, organização, introdução e notas de Joel Serrão, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1991.
- QUENTAL, Antero de, 1982, *Prosas da Época de Coimbra*, Lisboa, Sá da Costa.
- QUENTAL, Antero de, *Sonetos Completos*, organização, introdução e notas de Nuno Júdice, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- QUENTAL, Antero de, *Sonetos*, organização, prefácio e notas de António Sérgio, Lisboa, Sá da Costa, 1984.
- SARAIVA, António J. e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1985.
- SÉRGIO, António, *Ensaíos*, vol. IV, Lisboa, Sá da Costa, 1981.
- TAVARES, Manuel e Mário Ferro, *O Pensamento de Antero de Quental*, Lisboa, Editorial Presença, 1995.

POJAM SMRTI U ZBIRCI OS SONETOS COMPLETOS A. DE QUENTALA

Tekst govori o arhetipu smrti u zbirci *Os Sonetos Completos* portugalskog pjesnika Antera Tarquinia de Quental (1842-1891). Analiza spomenutoga arhetipa (uz pomoć takozvane leksikometrije) pokazuje da smrt predstavlja središnju temu Anterova pjesništva.